

TRANSFORMAÇÕES URBANAS
Porto Alegre de Montaury a Loureiro

CATÁLOGO

TRANSFORMAÇÕES URBANAS

Porto Alegre de Montaury a Loureiro

CATÁLOGO



Porto Alegre, 2009

CATÁLOGO

Textos:

Relatos de viajantes colhidos na obra *Os viajantes olham Porto Alegre*, de Walter Noal Filho e Sérgio da Costa Franco, gentilmente cedidos pelos autores.

Sobre a exposição: Márcia de Borba Alves e Tereza Regina Longhi.

Projeto Gráfico/Design: Maria do Rosário Rossi.

Capa: autoria da foto – Léo Guerreiro e Pedro Flores.

Fotos do Solar e dos objetos: Equipe do Museu Joaquim Felizardo e Equipe da CCS/PMPA.

Obs.: Os objetos e fotografias utilizados na exposição e reproduzidos no presente catálogo fazem parte do Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, exceção feita a alguns objetos e fotos devidamente legendados com o Acervo de origem.

Revisão: Aline Pacheco de Freitas, Márcia de Borba Alves, Tereza Regina Longhi e Equipe da Editora da Cidade.

Prefeito: José Fogaça

Secretário da Cultura: Sergius Gonzaga

Coordenação da Memória Cultural: Miriam Avruch

Direção do Museu Joaquim Felizardo: Tereza Regina Longhi

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

M986t Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo
Transformações urbanas: Porto Alegre de Montauray a Loureiro / Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. – Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL, 2008.

54 p.: il. color. (fotogr.); 30x21 cm.

ISBN 978-85-...

I. História urbana – Catálogo - Porto Alegre, RS 2.
Museus – Catálogo – Porto Alegre, RS 3. Prefeitura Municipal de Porto Alegre I.Título.

CDD 711.4098165
CDU 711.4(816.5)IPOA)

Catalogação na publicação elaborada pela Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães

EXPOSIÇÃO

Coordenação Geral: Tereza Regina Longhi.

Coordenação Museológica: Miriam Avruch.

Pesquisa: Patrícia Sanseverino.

Design Gráfico: Maria do Rosário Rossi.

Estagiários: Aline Pacheco de Freitas, Carlos Augusto Trojaner de Sá, Daniela Simões de Souza e João Gabriel Toledo Medeiros.

Texto: Equipe do Museu Joaquim Felizardo.

Seleção de Objetos: Fernanda Tocchetto, Mara Regina Nunes, Miriam Avruch, Valeska Conti.

Seleção de Fotografias: Daniela Simões de Souza, Aline Pacheco de Freitas, Mara Regina Nunes e Valeska Conti.

Legendas: Aline Pacheco de Freitas, Daniela Simões de Souza, Mara Regina Nunes e Valeska Conti.

Revisão: Márcia de Borba Alves e Tereza Regina Longhi.

Projeto Museográfico: Tereza Regina Longhi e Valeska Conti.

Projeto dos Expositores: Tereza Regina Longhi.

Execução: Marcenaria Dresch.

Confecção de painéis e plotagem: I9 Signs.

Projeto Luminotécnico e execução: Laboratório da Luz.

Confecção de bonecos: Ana Nunes.

Produção de Vídeo Institucional: Ronaldo Ruduit.

Montagem da exposição: Néelson Rosa.

Colaboração:

Arquitetura Paralela (desenho dos expositores)
Arquivo Histórico Moysés Vellinho
Gráfica do DMAE
Fotógrafo Jéferson Bernardes
Leida Cantanhede
Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa
Museu da CEEE
Pinacoteca Aldo Locatelli
PROCEMPA
Fotógrafo Ricardo Chaves

Agradecimentos:

Ativa
Prof. Dr. Charles Monteiro
I9 (Signs)
Gráfica RJR
Prof. Dr. Moacir Moojen Marques
Prof. Dr. Paulo Pezat
Rô Cortinhas (empréstimo de figurinos de época)
PROCEMPA
Régis Caputo Krug
Martha Fehlauer Lauermann
Historiador Sérgio da Costa Franco
Professor Walter Noal Filho

Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo
Rua João Alfredo, 582 | CEP 90050-230
Porto Alegre – RS | Fone: (51) 3228 2788
e-mail: museu@smc.prefpoa.com.br

Conselheiros Instituto Estadual do Livro 2008:

Abrão Slavutzky; Aldyr G. Schlee; Amir Feijó Pereira; Charles Kiefer; Cláudio Moreno; Enéas de Souza; Fabricio Carpinejar; Inês Bins Ely; Jaime Ciment; Jane Tutikian; Luís Augusto Fischer; Luiz A. Assis Brasil; Luiz Osvaldo Leite; Nydia Guimarães; Sergio da Costa Franco; Tania Rösing Instituto Estadual do Livro: Rua Andre Puente, 318 | CEP 90035-150 - Porto Alegre - RS | Fone: (51) 3311.7311 | e-mail: iel@via-rs.net



Solar da Magnólia

O Museu Joaquim Felizardo tem sede no Solar Lopo Gonçalves, antigamente conhecido por a Casa da Magnólia, devido ao belíssimo exemplar dessa árvore exótica existente no jardim em frente ao prédio.

Consta que o Solar foi construído ainda no século XIX, provavelmente entre 1845 e 1855, pelo vereador e rico comerciante Lopo Gonçalves Bastos, para servir de sede de sua propriedade semi-rural, em espaçoso terreno na Rua da Margem (atual João Alfredo). Algumas fontes afirmam que a parte inferior da construção servia de alojamento para os escravos e a parte superior como residência da família Gonçalves Bastos. Do torreão, podia-se

observar o movimento do cais do porto até a Ponta do Dionísio (atual bairro Assunção).

Após a morte de Lopo Gonçalves, em 1872, a propriedade ficou ainda com seus herdeiros até o ano de 1946, quando foi vendida para o empresário Albano José Volkmer, que a utilizou de diversas maneiras, inclusive como anexo de uma fábrica de velas, até 1966, quando foi adquirida pelo Serviço de Assistência Social e Seguro dos Economiários (SASSE) e, em 1979, foi permutada com a PMPA, sendo tombada como patrimônio histórico e cultural da cidade e restaurada com o propósito de abrigar o Museu de Porto Alegre, já a partir de 1982.



Imagens da Cidade – Parque da Redenção ao amanhecer, 1999.
Autoria: André Chassot

Exilados do tempo

Ao abrir este Catálogo do Museu Joaquim Felizardo, o leitor, provavelmente, não poderá escapar – como não pude eu - à inevitável percepção de que ali está, diante dos olhos, uma cidade que se desfaz e se reconstrói permanentemente, em sua vetusta e sóbria modernidade. Sentirá, talvez mais do que geralmente se experimenta quando se põe frente a frente o velho e o novo, múltiplos e contraditórios estados de alma: o sentimento do inusitado, da redescoberta, a perplexidade do tempo inexorável e – por que não dizer – a suavidade de uma certa melancolia diante de paisagens que se diluíram ao longo de quase um século.

Por um lado, porque há um sopro de inesperada nostalgia e beleza nestas fotos embranquecidas, nesses tons imprecisos de cinza, nessas imagens profundas e imorredouras da província. Descobrimos, ao nos debruçarmos sobre essas antigas e sólidas edificações públicas, sobre os trapiches, sobre os velhos trilhos de incontáveis histórias, sobre os trajas urbanos em sua admirável austeridade, sobre as figuras femininas em sua insustentável leveza, sobre a secular

integridade da Prefeitura, do Mercado Público, da Avenida Borges, do Viaduto Otávio Rocha, que somos, todos nós, porto-alegrenses, cada vez mais uns exilados do tempo.

De outro lado, porque quando olhamos com um pouco mais de acuidade e reflexão, nos damos conta das forças históricas que agiram como pano de fundo nesse complexo cenário urbano: é fantástico imaginar que a cidade que hoje conhecemos resultou da soma de escolhas feitas por indivíduos, de uma dialética de almas e desejos, da saga de vidas humanas em busca de um destino comum.

No entanto, ao concluir essa apresentação, é preciso dizer: nenhum sentimento se compara àquele que se experimenta ao finalizar a leitura, ao virar a última página e fechar o Catálogo. É um sentimento único, indefinivelmente prazeroso, que faz cada um de nós, que aqui vivemos, concluir consigo mesmo: “Este é o meu destino. Esta é minha cidade”.

José Fogaça
Prefeito de Porto Alegre



Rua dos Andradas esquina com Rua Marechal Floriano, décadas de 1890/1900.
Autoria: Virgílio Calegari.



A apresentação

O presente catálogo registra algumas das mudanças ocorridas em Porto Alegre, especialmente na primeira metade do século XX. Aqui aparecem vários novos projetos urbanísticos e arquitetônicos que ajudaram a modificar o centro da cidade. Aqui estão, por exemplo, o delineamento do parque Farrroupilha, ocorrido logo após a famosa Exposição de 1935, e a abertura da grande avenida e do viaduto da Borges de Medeiros, símbolo máximo das reformas urbanas vividas pela capital naquela época. Algumas fotos e textos de viajantes evocam a terrível e mítica enchente de 1941 que deu origem, décadas depois, ao Muro da Mauá e ao dique que protege parte considerável da orla.

Fora isso, o catálogo com suas imagens de um mundo já esmaecido nos permite mergulhar nostalgicamente numa Porto Alegre provinciana (ainda que charmosa), dominada por bondes elétricos e raros automóveis, cheia de chaminés que atestavam sua pujança industrial, enquanto mocinhas de família passeavam às cinco da tarde, na Rua da Praia, embasbacando com sua beleza rapazes espinhentos e respeitáveis cavalheiros enfiotados. Uma Porto Alegre guardada no inconsciente coletivo com suas lembranças reais ou lendárias, uma cidade que veio se transformando continuamente até hoje, graças à labuta de seus habitantes e à visão ousada de seus principais governantes.

Sergius Gonzaga
Secretário Municipal da Cultura



*S*umário

A REVITALIZAÇÃO DO MUSEU JOAQUIM FELIZARDO 11

SOPRAM OS VENTOS DO CRESCIMENTO 17

PORTO ALEGRE É UMA FESTA 31

UMA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA 41

Evolução da população da cidade 54



Revitalização do Museu Joaquim Felizardo

O Museu de Porto Alegre, criado pelo decreto nº 6.598, de 13 de março de 1979, foi transferido de sua antiga sede, na Rua Lobo da Costa, para o Solar Lopo Gonçalves, após uma grande obra de restauração, em 1982. Em 1994 passou a denominar-se Museu de Porto Alegre – Joaquim José Felizardo, em homenagem ao historiador e criador da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre.

No final do mês de maio de 2006, época em que assumi o cargo de diretora do Museu Joaquim Felizardo, sua sede, o Solar Lopo Gonçalves, encontrava-se fechado à visitação, por conta de obras de restauração.

Com objetivos e metas definidas, juntamente com a Coordenação da Memória, fui incumbida de elaborar um plano para reabertura do museu, o qual deveria contemplar além das melhorias já em andamento, novas propostas para qualificação da instituição, de modo a tornar o seu acesso mais democrático, concretizando a sua função precípua de guardiã da memória porto-alegrense.

O resultado deste desafio foi o Programa de Revitalização do Museu Joaquim Felizardo, ancorado também, na principal recomendação contida em diagnóstico elaborado para a instituição em 1996: o museu passava “por grave crise de identidade, tanto interna como externamente”. Verificamos que essa situação ainda persistia.

O Programa de Revitalização propiciou obras de restauração do Solar Lopo Gonçalves, suas instalações elétricas, hidrossanitárias e rede lógica, renovação das áreas onde se localizam os serviços, parte não tombada

pela municipalidade, além de pavimentação dos pátios.

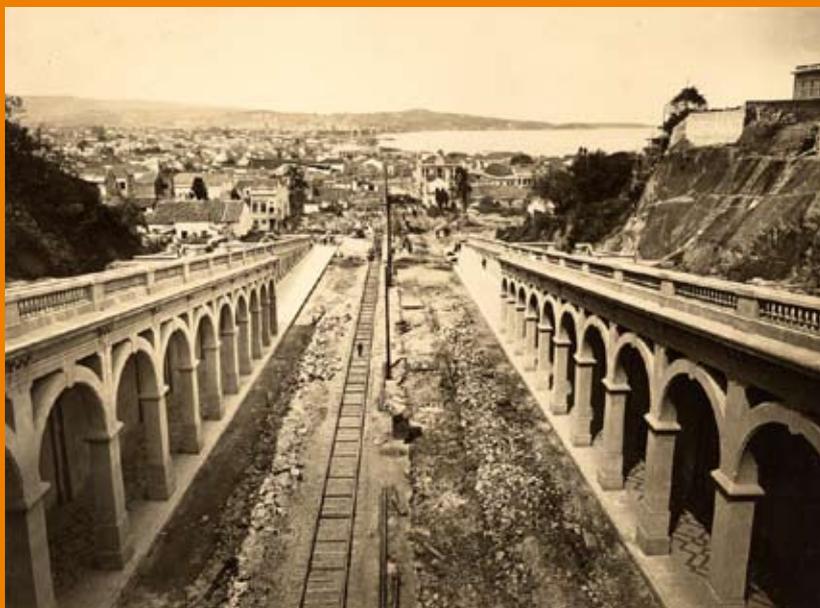
Também foram reorganizadas e qualificadas as diversas áreas do Museu, com novo acesso principal, criação de setor de recepção e sala multifunção e incremento do setor expositivo.

A partir do ano de 2007, implantou-se um cronograma de restauração do acervo, constituído de uma variação de objetos e documentos fotográficos de profissionais que atuaram em Porto Alegre a partir do século XIX. Até o presente momento, foram restaurados 1054 itens, entre objetos e fotografias.

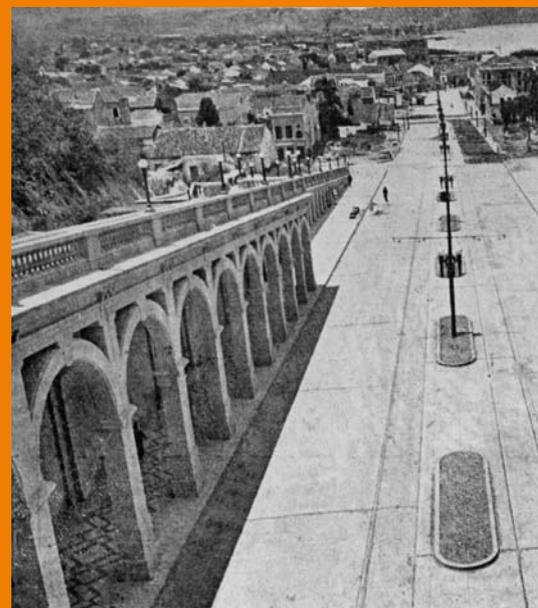
A criação da Sala Acervo Digital, local aprazível para pesquisa e lazer, é mais uma novidade que o Museu oferece aos visitantes. O público tem a oportunidade de mergulhar na história da Cidade, através das fotografias digitais do acervo da Fototeca Sioma Breitman.

O trabalho foi concluído com a inauguração da exposição de Longa Duração entre dezembro de 2007 e abril de 2008, objeto deste Catálogo. Através do tema “Transformações Urbanas – Porto Alegre de Montauray a Loureiro”, a exposição traz fatos e testemunhos de uma etapa da história porto-alegrense, que poderão ser desfrutados de diferentes formas pelos visitantes, possibilitando vivenciar simplesmente horas de contemplação e lazer ou recorrer à memória para o entendimento do presente e preparação para futuras vivências.

Tereza Regina Longhi
Diretora



**Avenida Borges de Medeiros,
década de 1920.**
Autoria desconhecida.



**Avenida Borges de Medeiros,
década de 1930.**
Autoria desconhecida.



A palavra de ordem do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), ao longo deste período que vai de 1892 a 1922, era 'conservar melhorando'. O positivismo exigia ainda a continuidade no poder, a não intervenção direta do Estado na economia, (...) a integração do operariado à sociedade moderna e a concepção do Estado como portador dos interesses gerais da sociedade.

Charles Monteiro, 1995



Avenida Borges de Medeiros, 2006.

Autoria: Ricardo Chaves.

Como pensavam e administravam a Cidade quatro de nossos principais governantes?

Como seria a Capital dos gaúchos sem os planos de desenvolvimento urbano idealizados e implementados no passado?

Transformações Urbanas – Porto Alegre de Montaury a Loureiro conta a história dos primeiros planos de desenvolvimento urbano e das principais obras realizadas entre 1897 e 1943.

Nesse período, governaram a Cidade os Intendentes José Montaury de Aguiar Leitão, Otávio Francisco da Rocha, o Major Alberto Bins e o Prefeito José Loureiro da Silva. Os três primeiros respaldaram-se na filosofia positivista, conhecida como a “Religião da Humanidade”. Augusto Comte, seu criador, acreditava que o Estado tinha a função de manter a ordem social para haver desenvolvimento, daí o lema “ordem e progresso”.



Retrato de José Montaury.
Técnica: fotografia pintada.
Autoria desconhecida.



Retrato de Otávio Rocha.
Técnica: pintura a óleo.
Autoria: V. Canásio.
Origem: Atelier Calegari.



Retrato de Alberto Bins.

Técnica: pintura a óleo.

Data: 1934.

Autoria: Wilhelm Ludwig Teschmeier.

Acervo: Pinacoteca Aldo Locatelli.



Retrato de Loureiro da Silva.

Técnica: óleo sobre tela.

Autoria: Júlio Saenz Cánovas.

Os governos de José Montauray e Otávio Rocha, e parte da administração de Alberto Bins representam um período de continuidade político-administrativa. Fundamentado na ideologia republicana e no tripé circulação, higienização e embelezamento, o Plano Geral de Melhoramentos, considerado o primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, foi a principal ferramenta destas gestões.

Já os anos de 1930 e 1940 foram marcados pelas ações do Prefeito Loureiro da Silva que, recebendo uma cidade ainda com traços coloniais, planejou-a para o futuro. No Plano de Urbanização, Loureiro promoveu inovações de toda ordem, inclusive a criação do Conselho do Plano, conhecido como “Amigos da Cidade”.

A Porto Alegre que conhecemos hoje é o resultado de todas essas transformações urbanas, afinal as cidades não envelhecem, transformam-se.

Você está convidando a mergulhar na história de Porto Alegre. Seja bem-vindo!



Vista de Porto Alegre – Porto, Chaminé da Fiat
Lux e Igreja das Dores, década de 1900.
Autoria: Virgílio Calegari.

SOPRAM OS VENTOS DO CRESCIMENTO



A capital do Estado é Porto Alegre, que faz jus totalmente ao seu nome. A cidade fica à margem esquerda do Guaíba, em um terreno levemente ondulado. As ruas são retas e regulares, geralmente calçadas no centro. Bondes com tração animal saem da Praça da Alfândega em todas as direções, facilitando o acesso a vários bairros. A principal rua comercial é a dos Andradas, que além de luz a gás possui também luz elétrica e representa o centro do mundo elegante. Nela estão as lojas de luxo e outras para venda a varejo, sendo que as atacadistas se encontram principalmente na Rua 7 de Setembro, bem próximas ao porto. Os estabelecimentos industriais de maior importância como, estaleiros, fábricas de máquinas, serrarias a vapor, fábricas de móveis e outras, localizam-se a maior parte à Rua dos Voluntários, também chamada de Caminho Novo.

Relato do viajante Gustav Von Königswald, 1898

EDIFICAÇÕES PÚBLICAS



Intendência Municipal, atual Paço Municipal.

Construída entre 1898 e 1901.

Autoria desconhecida.

(...) tivemos a oportunidade de admirar o bellissimo edificio da Intendência que surge defronte ao Mercado e que, talvez, seja o mais importante da capital rio-grandense, pela elegância de suas linhas e pelo equilíbrio de sua estrutura.

Relato do viajante Vittorio Buccelli, 1905



Tijolos de vidro.

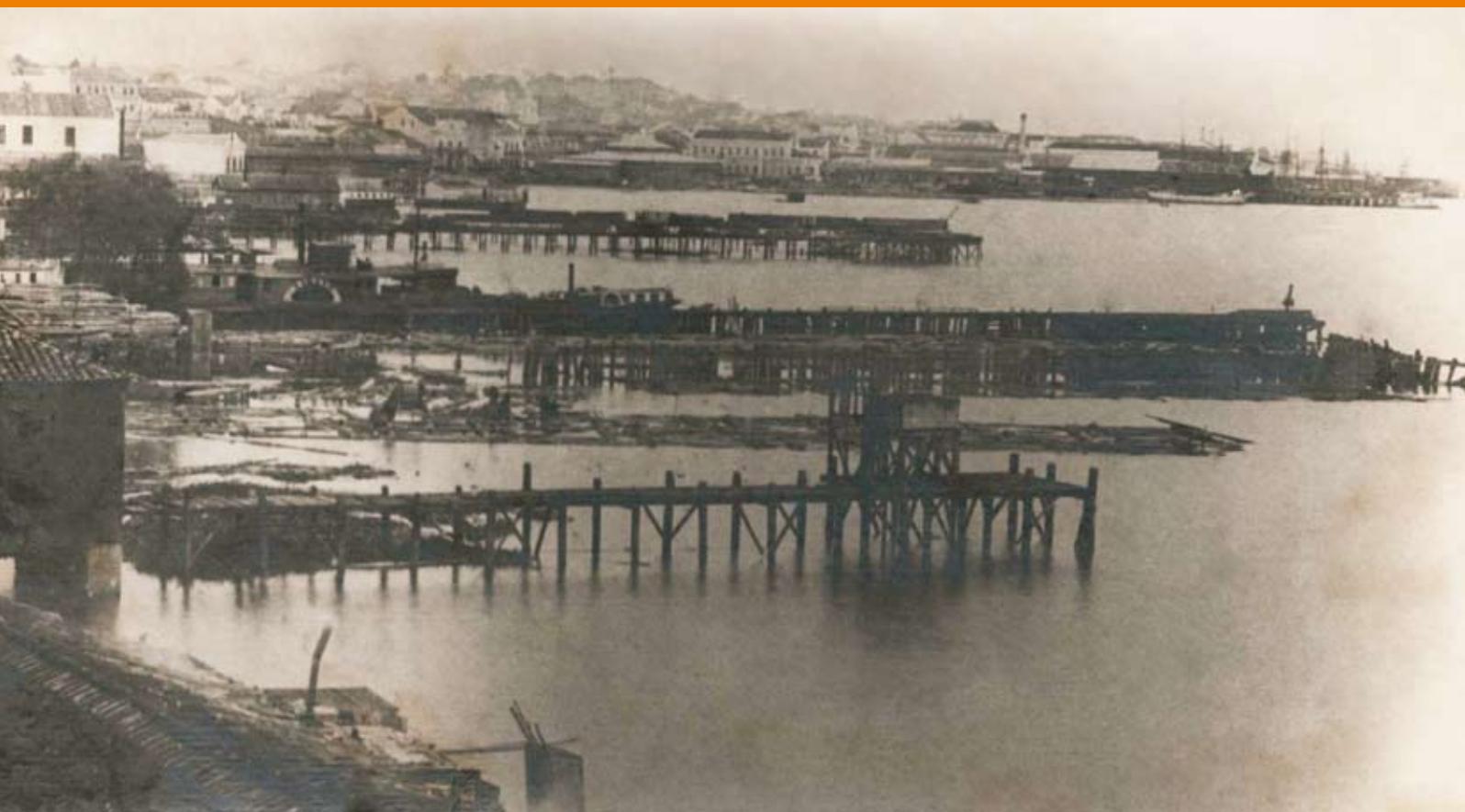
Local: Paço Municipal.

Lâmpada (Amplificador) 720w.

Impressões: Intendência Municipal.

Porto Alegre, Osram – Nitra.

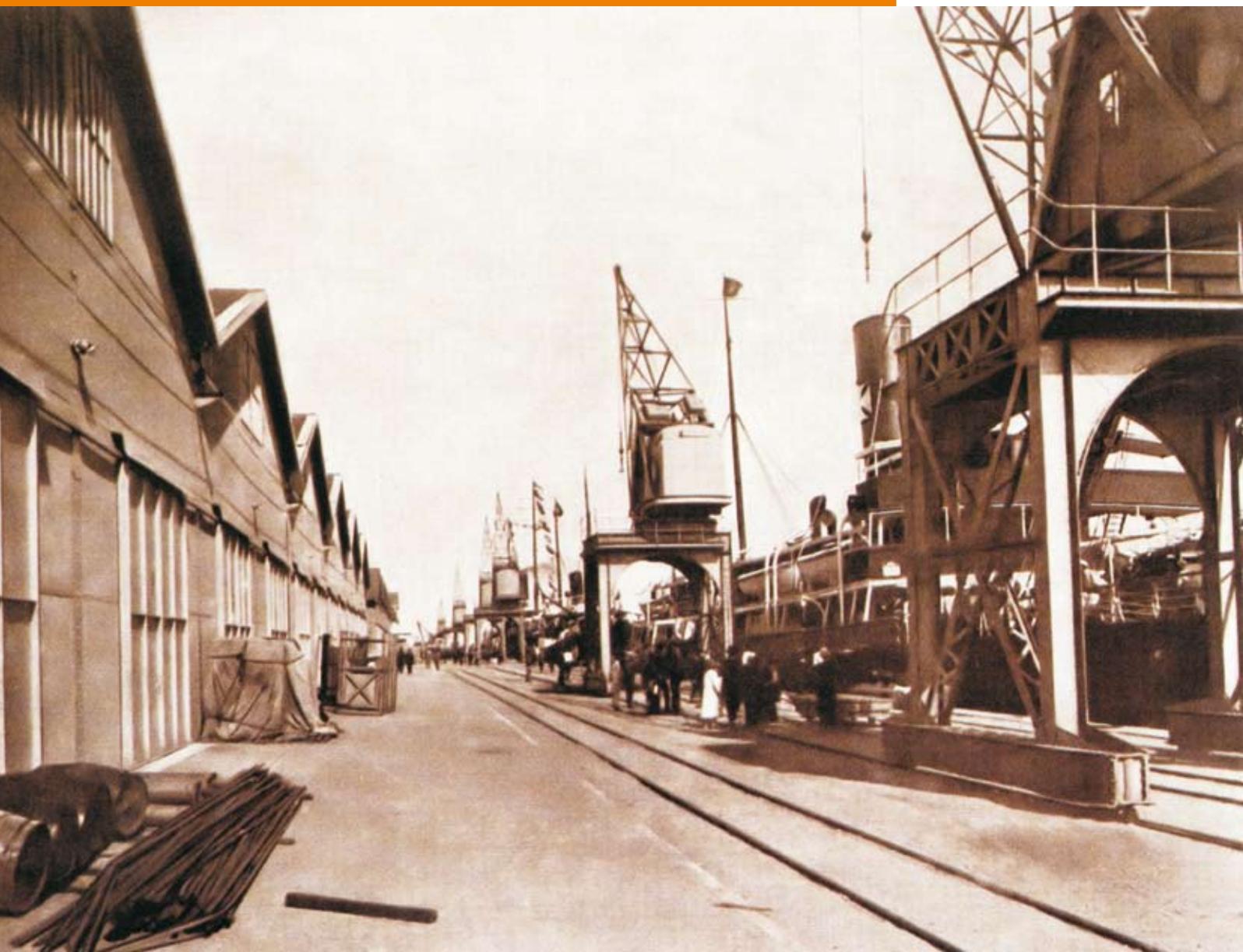
Doação: Nestor Nadruz.



Trapiches, início do século XX.
Autoria desconhecida.

(...) Através da construção de aterros ganha-se cada vez mais a terra da lagoa, novas ruas e benfeitorias, cobrem o lugar onde há alguns anos os pescadores em suas canoas chegavam, e cada vez mais longe avançam os trapiches das grandes firmas de importação.

Relato do viajante Herrmann Meyer, 1898



Trecho do Cais inaugurado em 1921.

A construção do novo Cais do Porto foi necessária para o escoamento da crescente produção industrial. As obras tiveram início na década de 1910, com o aterramento de grande faixa de praia.

Autoria desconhecida.

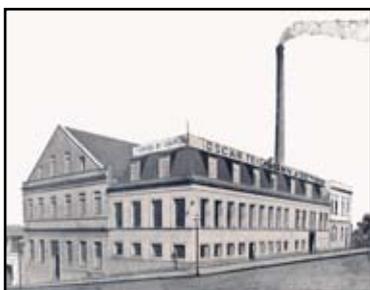
Fonte: Relatório de obras do Estado, 1922.

Acervo: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

INDÚSTRIAS

*P*orto Alegre possui, proporcionalmente, um próspero parque industrial. Áreas tais como: construção de navios, pregos de arame, móveis, artefatos de vidro, sabão, fazendas e chapéus. A indústria porto-alegrense é protegida por elevados impostos para importação, o que propicia a continuidade de sua prosperidade.

Relato do viajante Wilhelm Lacmann, 1903



Fábrica de chapéus Oscar Teichmann.
Autoria desconhecida.



Rua Vinte e Quatro de Maio, atual Avenida Otávio Rocha, final do século XIX.

Rua Vinte e Quatro de Maio, nº 21 e 23.
Mostra uma residência e o prédio da firma de sabonetes e velas de Eduardo Hoenes.
Autoria desconhecida.
Doação: Eva Schmid.



Cartola masculina preta, décadas de 1920/1930.

Doação: Luis Ipiranga de Azambuja.

Chapéu de seda amarelo, décadas de 1920/1930.

Doação: Zeneida Medeiros Pavão.

Chapéu feminino, décadas de 1930/1940.

Doação: Fé Emma Piccoli.



Máquina de costura Singer, décadas de 1910/1920.



Cofre Berta.

Doação: Prefeitura Municipal de Porto Alegre.



A Grande Exposição Estadual de 1901 – vista externa.

Sediada em Porto Alegre, marcou o início da urbanização do Campo da Redenção. Autoria desconhecida.

Vista Interna da Exposição.

Autoria desconhecida.

SERVIÇOS PÚBLICOS ESSENCIAIS

A cidade possui (...) dois serviços de água canalizada e uma extensa e muito utilizada rede de telefones.

Relato do viajante Gustav Von Königswald, 1898



Aparelho telefônico.

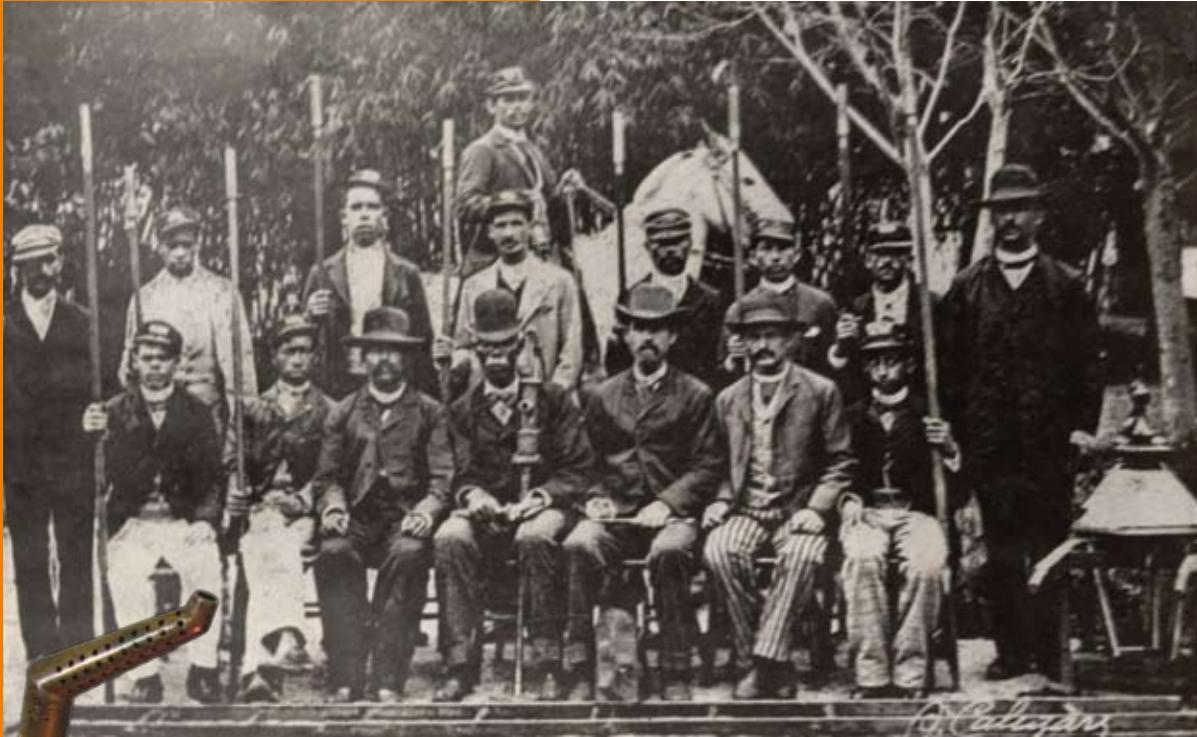
Acervo: Associação Comercial de Porto Alegre.



Hidráulica Moinhos de Vento, décadas de 1920/1930.

Autoria desconhecida.

Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.



Inspetores com acendedores de lampião a gás, final do século XIX e início do XX.

Em destaque, a cavalo, José Lopes Andrino, Inspetor Chefe. Autoria desconhecida.

Doação: Jorge Alberto Andrino Lopes.



Acendedor de Lampião, década de 1920.

Origem: pertenceu ao inspetor chefe dos acendedores de lampião José Lopes Andrino.

Doação: Jorge Alberto Andrino Lopes.

A iluminação é boa e digna de uma cidade européia, e é feita de todos os sistemas: a gás, a lâmpadas elétricas e a acetileno.

Relato do viajante Vittorio Buccelli, 1905

Distintivos do uniforme do Inspetor Chefe José Lopes Andrino, 1920.

Doação: Jorge Alberto Andrino Lopes.



O serviço de limpeza urbana de Porto Alegre pode ser apontado como modelo a muitas cidades européias, pois, além do pessoal mais que suficiente e bem disciplinado, além do material de primeira categoria e construído segundo os mais modernos ditames da higiene, possui um forno crematório de grande potência, onde os detritos recolhidos são diária e imediatamente incinerados. Não há o caso de ficar, nem que seja por algumas horas apenas, qualquer resto de animal morto, mesmo que seja nos pontos mais distantes do subúrbio. Tudo é levado ao forno e destruído. (...)

A lavagem e desinfecção das ruas é praticada com normas estabelecidas pela secretaria de higiene e a irrigação realizada de acordo com a necessidade.

Relato do viajante Vittorio Buccelli, 1905

O serviço de higiene das casas é feito de modo não menos escrupuloso, ao qual o município provê o material de transporte, ótimo em todos os aspectos. Entretanto, este serviço está destinado à extinção com a construção dos esgotos, que hoje está em estudo e que será uma realidade dentro de alguns anos.

Relato do viajante Vittorio Buccelli, 1905



É uma metrópole em surgimento (...).

Duas linhas de bondes ligam o centro ao subúrbio, e um novo sistema de bondes elétricos está em construção, o qual, quando concluído, dará à cidade um serviço insuperável pela rapidez e conforto de suas instalações.

Relato da viajante Marie Robinson Wright, início do século XX



Bonde Imperial, década de 1920.

Autoria desconhecida.



Bonde, décadas de 1950/1960.

Autoria desconhecida.



Avenida Borges de Medeiros, décadas de 1920/1930.

Autoria desconhecida.

Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.



Avenida Independência, décadas de 1920/1930.

Autoria desconhecida.

Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.



Mercado Público e Praça Parobé, décadas de 1920/1930.

Autoria desconhecida.

Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.



Capa do Plano de Melhoramentos.

O Plano de Melhoramentos, segundo o historiador Charles Monteiro, além de funcional, também tinha preocupações estéticas, mas era, principalmente, um plano viário que pretendia dar conta do desenvolvimento comercial, econômico e populacional que ocorreu em Porto Alegre, a partir da década de 1910.

Acervo: Arquivo Histórico Moysés Vellinho.

O dr. Otávio Rocha que infelizmente veio a falecer antes de terminar as obras da beleza estética da cidade, foi sem dúvida, o Passos da formidável transformação de Porto Alegre. Desde que assumiu a administração da capital gaúcha, não teve um momento de trégua. Derrubou casarias velhas, abriu ruas novas, rasgou avenidas, transformou o calçamento, tirou os bondes da rua da Praia, e deu uma nova iluminação à cidade. (...).

Quem conheceu o Campo da Redenção há dez anos atrás e o revê hoje, ficará certamente, deslumbrado. Com as modificações sofridas agora tornou-se um dos pontos mais pitorescos da cidade. E será futuramente o centro animador de todos os habitantes da linda capital que ali vão fazer o 'footing'.

Relato do viajante Fernando Callage, 1928



Festa dos Navegantes, procissão terrestre, 1918.
Autoria desconhecida.

A população apresenta, além da porcentagem declarada de descendência alemã, uma cota quase igual de habitantes da raça luso-brasileira; o restante é formado por italianos, portugueses, negros e mulatos, depois alguns poloneses e árabes. Esses últimos ocupam-se com predileção do comércio varejista e ambulante, uma vez que parecem especialmente adequados justamente para este tipo de venda de mercadorias.

Relato do viajante Hans Ramelow, 1904



Pozeira.

Porto Alegre é uma Festa



Leque de Madeira.

Doação: Jacy M. de Albuquerque De Poli.



Rua dos Andradas, "footing".

Autoria desconhecida.

Acervo: Museu de Comunicação Social

Hipólito José da Costa.

Em Porto Alegre cada rua tem dois nomes: um popular, outro municipal. É uma confusão diabólica para o recém vindo. A dos Andradas é a mais importante. É mesmo a via pública da moda.

Relato do viajante Annibal Amorim, 1907/1908

As lojas da rua dos Andradas, esplendidamente iluminadas com magníficos globos elétricos e a acetileno, lembram aquelas da Rua do Ouvidor, do Rio de Janeiro, ricas e bem abastecidas daquilo que a moda produz de mais precioso e mais elegante – com vitrines montadas e dispostas artisticamente – têm tudo o que pode satisfazer o gosto e a ambição de uma refinada parisiense.

De fato, durante toda a noite, senhoras e senhoritas elegantíssimas fazem daquela rua o seu ponto de encontro favorito, dando-lhe vida, brio e encanto de um dos mais clamorosos centros europeus.

Relato do viajante Vittorio Buccelli, 1905



Banco Sul-América, vista das ruas General Câmara e Andrade Neves, década de 1910.
Autoria: Virgílio Calegari.



Rua Sete de Setembro, Praça Montevideo, 1950.
Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores.



Relógio de parede, metade do século XIX.
Doação: Maria Olga Corseuil.

*A*ndamos pela rua General Câmara que é em aclave e que, por isso, é chamada vulgarmente de rua da Ladeira.

É a rua dos escritórios dos advogados e dos tabeliães, cheia de gente atarefada e é considerada como o “foro” de Porto Alegre.

Relato do viajante Vittorio Buccelli, 1905

(...)

Rua Sete de Setembro: é a rua dos grandes negócios, onde se encontram muitos escritórios comerciais e de crédito, dentre os quais o Banco do Comércio e o importante Banco da Província, que é o mais antigo do Estado.

Relato do viajante Vittorio Buccelli, 1905



Carnaval de rua, entre Avenida Borges de Medeiros e Avenida Salgado Filho.

Autoria desconhecida.



Coroa e Colar do Vicente Ráo.

Doação: Rosina Ráo Mendes.

Leque de bambu pintado, 1910.

Doação: Heloisa Barbosa Nucci.

O Carnaval é um dos maiores eventos realizados no ano e todo mundo participa ativamente dos festejos, conquanto, cada classe social faça-o de maneira diferente. As danças terminam na terça-feira de carnaval. (...) É costume escolherem a Rainha do Carnaval que, geralmente, é a filha do comerciante mais proeminente do lugar. No domingo de carnaval ela desfila pela cidade, sentada em um carro ricamente decorado, ela mesma vestida com alguma fantasia sofisticada e com um séquito de guardas de honra, ou guarda-costas, todos da mesma forma ricamente fantasiados.

Relato do viajante Frank Bennett, aproximadamente 1900



Biblioteca Pública Estadual, décadas de 1920/1930.

Autoria desconhecida.

Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.

*E*stou na – Livraria do Globo – um estabelecimento importantíssimo, com vários andares, a que eles chamam, à espanhola – “pisos”; com ascensores, subterrâneos, oficinas de impressão, de gravuras, depósitos e salões repletos de brochuras e publicações de todo o gênero.

(...)

Exulto; uma capital que além de sustentar várias livrarias importantes, como Echenique e outras, dá tanta vida a esta do Globo que é das mais ricas do Brasil, é uma capital que lê, é uma capital civilizada.

Relato da viajante Júlia Lopes de Almeida, 1920

*E*sta impressão acentua-se em mim ao entrar na sua Biblioteca Pública.

Montada em edifício propositalmente construído, adornado com a figura de Minerva e outras figuras representativas das principais fases da civilização e da preparação da Humanidade, conforme o calendário de Augusto Comte; com boas salas de leitura e de secretaria e livros carinhosamente tratados, a Biblioteca de Porto Alegre não tem ainda o ambiente sugestivo das casas antigas, trespassadas de alma e espiritualidade, mas tem certo conforto e elegância.

Relato da viajante Júlia Lopes de Almeida, 1920



Auditório Araújo Vianna, décadas de 1920/1930.
Autoria desconhecida.
Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.



Tímpano e Trompa.
Doação: Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Aquarela Banda Municipal, 1981.
Doação: Hilda Mattos.

Como se isso não bastasse para dar uma feição de original encanto à capital porto-alegrense, ainda criou o Auditório Araújo Vianna, (...) onde às quintas-feiras e domingos, os apreciadores da boa música vão passar horas de agradável enlevo espiritual. Esse auditório, o único que existe no Brasil, é uma demonstração do bom gosto de que foi dotado o belo espírito do ilustre governador de Porto Alegre. Relato do viajante Fernando Callage, 1928



Festa dos Navegantes, procissão terrestre, 1960.
Autoria desconhecida.

*D*o arrabalde dos Navegantes, bem junto às margens do rio, parte todo o ano uma festiva procissão em que uma estátua da Mãe de Deus é conduzida em um navio ricamente enfeitado até Porto Alegre (...). Este dia de procissão tornou-se uma festa, principalmente da gente comum (...).

Relato do viajante Hermann Ullmann, 1928/1929



Urinol, início do século XX.
Doação: João Manoel de Castro.

Prato, 1900.
Doação: Eugenia Kirsch.

Escarradeira.
Doação: João Manoel de Castro.

Cadeira do Barão de Cahy.
Acervo: Associação Comercial de Porto Alegre.





Festa dos Navegantes, procissão fluvial, 1960.
Autoria desconhecida.



Rua dos Andradas, 1952.
Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

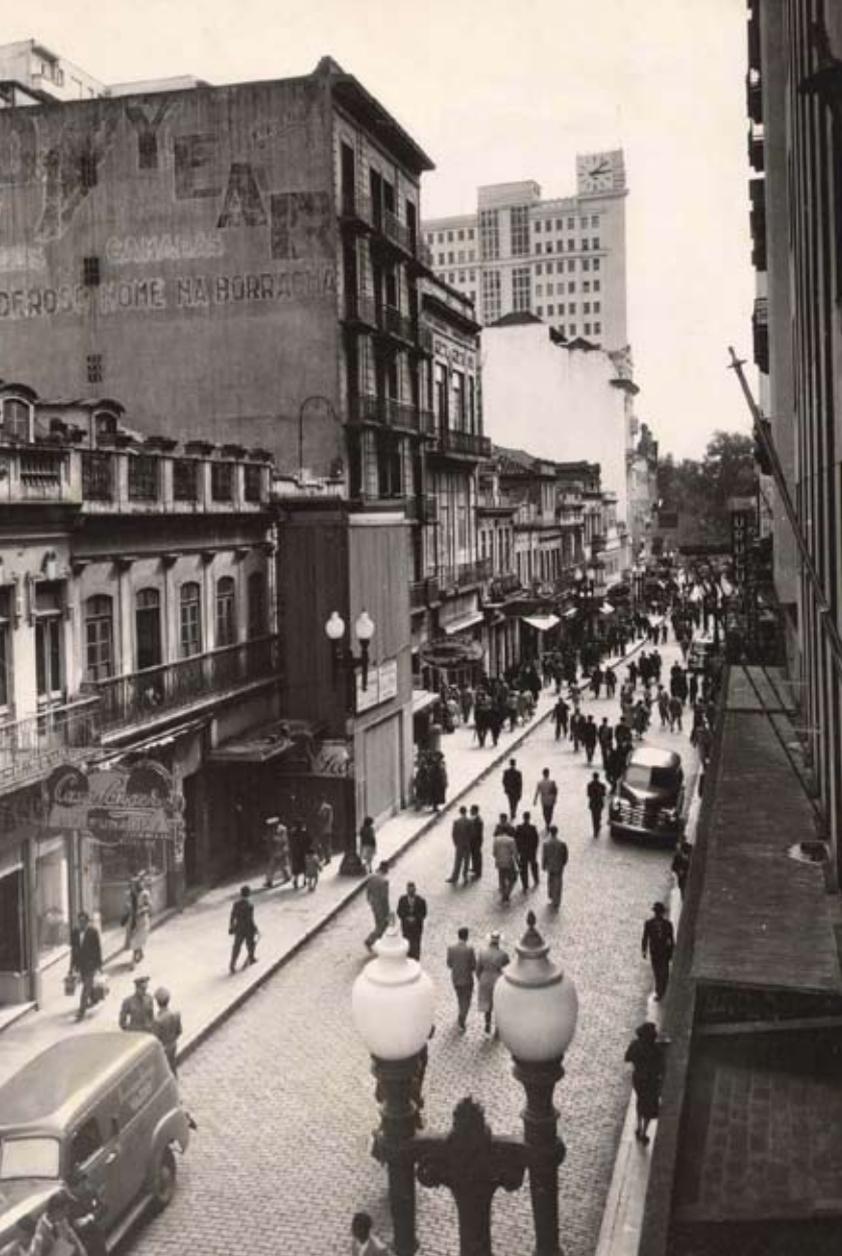


Lampião, 1930.
Doação: Moacyr Flores.

*P*orto Alegre, como uma cidade encantada do tempo em que até as cidades se encantavam, é uma festa para os olhos e uma alegria para o coração. (...) A rua da Praia é uma rua 'coquette', que ainda não teve a idéia burguesa de se casar. Uma rua bonita, bem feita de corpo, que tem a alma leve e o passo miúdo... Toda a gente a namora, e ela namora a toda a gente... (...)

Está sempre sorrindo, a rua da Praia! (...). À noite, sorri pelo sorriso claro dos seus anúncios, que são frases de luz, berrando, escandalosamente, dentro da treva... Uma rua feliz, a rua da Praia!

Relato do viajante Berilo Neves, 1932



Rua dos Andradas, década de 1950.
Autoria: Studio Os 2.

*H*oje, ainda se sente a aristocracia do seu espírito na alegria doida com que acolhe os automóveis de 60 contos que a procuram... Toda ela sorri para os Hudson, para os Lincoln, para os Packard, para os Chrysler imperiais, para todos os carros de boa raça e de muitos cilindros... E toda ela chora, pelas frinchas vivas das suas pedras, quando, em horas desertas, carroças atrevidas ferem, com as suas rodas de pedra, a superfície pudica do seu leito de granito...

Relato do viajante Berilo Neves, 1932



Caixa de pó de arroz.
Doação: Casa Belchior.

*P*orto Alegre, sem a rua da Praia, seria uma cidade sem alma. Uma cidade mutilada. Uma cidade semi-morta. Porque esta rua amável, que acolhe bem a toda a gente, é a rua mais faceira do Rio Grande. A rua namoradeira. A rua boêmia que está eternamente pronta para um baile, para uma serenata e para um crime de amor... A rua romântica, onde os poetas encontram o seu Parnaso, e os vagabundos – o seu albergue noturno e diurno...

Relato do viajante Berilo Neves, 1932



Imagens da Cidade.

Crianças jogando futebol.
Autoria: Paulo Backes.



Boneca de pano e porcelana, 1940.
Doação: Loja Maria Bertocha Bócio.



Bengala infantil, 1927.
Doação: João Manoel de Castro.

(...) chegamos ao nosso destino, Porto Alegre, capital do Estado, após o pôr do sol. E nós tivemos muita sorte de chegar a essa hora. Pois foi um dos mais lindos cenários que eu jamais testemunhei. Depois que o sol se pôs, havia faixas no céu, de cor vermelha e cor de brasas vivas em todas as porções do horizonte, esvanecendo-se em compridas linhas de cor rosa, delineadas por um tom ainda mais sutil na parte superior de seus contornos. Nada mais adorável poderia ser imaginado.

Relato da viajante Annie Smith Peck, 1929



Vista noturna da Avenida Borges de Medeiros, década de 1940.
Autoria desconhecida.

UMA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA



(...) A linda capital banhada pelas águas do Guaíba, transforma-se radicalmente. A cidade (...) passa, hoje, por uma 'toilette' nova e bonita. Não há rua, beco, avenida, praça, jardim, que não recebam o caprichoso cuidado de uma roupagem nova...

Relato do viajante Fernando Callage, 1928



Avenida Júlio de Castilhos em obras, décadas de 1920 / 1930.
Autoria desconhecida.

Quando se anda por ruas com o calçamento estragado, com construções de seis ou sete andares ao lado de casebres em ruínas, com grandes casas de comércio e incontáveis postos coletores de loterias, engraxaterias, comércio de bugigangas, se poderia pensar, inicialmente, tratar-se de uma das capitais do sudoeste europeu, em acelerado crescimento. Não há quase nenhuma rua onde não se esteja construindo. Não se é modesto: a abertura de novas ruas, que fazem desaparecer fileiras inteiras de casas, deve tornar possível o aproveitamento de generosas parcelas de terrenos urbanos que permitirão ligar as ruidosas ruas do porto e das margens do Guaíba com as arejadas e silenciosas ruas que correm mais acima.
Relato do viajante Hermann Ullmann, 1928/1929



Rádio, 1940.
Doação: Wilhelm Marites Vaz.



Rádio Zenith, décadas de 1930/1940.
Doação: Romar Machado.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, o rádio passou a ter papel fundamental na transmissão de fatos diários e notícias do front.

No dia 28 de agosto de 1941, o Repórter Esso, marco do jornalismo radiofônico, em sua primeira transmissão, anunciou o ataque aéreo da Alemanha à Normandia.

A EXUBERÂNCIA DOS ARRANHA-CÉUS



Vista da Avenida Borges de Medeiros, trecho Norte, década de 1940.
Autoria desconhecida.

(...) Ao invés de uma agradável cidadezinha provinciana, existe, ao contrário, uma grande cidade, com nervos e força: exuberante e pulsando de vida nas ruas, desde cedo até a noite, lotados bondes elétricos do tipo americano, que nas horas de maior movimento, com suas linhas nas mais variadas direções, encontram-se nos pontos de paradas; um longo bairro industrial, ao lado de um cais do porto recém remodelado, magníficos bairros, que circundam e galgam as colinas situadas no lado leste da cidade. Em toda parte, progresso e atividade. (...)
Relato do Viajante Hugo Grothe, 1934



Usina do Gasômetro, 1953.
Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

A iluminação da cidade é elétrica; porém é muito irregular a distribuição das luzes. As ruas transversais da rua da Independência, de noite, apresentam aspecto meio fúnebre, (...); em pólo oposto mostra-se a avenida Júlio de Castilhos caprichosamente iluminada. Os lâmpões são modernos e belos: não há no Brasil melhores exemplares.

Relato do viajante Souza Brandão, final da década 1920



Vista noturna da Avenida Julio de Castilhos, década de 1970.
Autoria desconhecida.



Rua Mostardeiro, décadas de 1920/1930.
Autoria desconhecida.
Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.

(...) O bairro aristocrático das mansões, pertencentes às mais abastadas personalidades da capital, é o dos Moinhos de Vento, unido à cidade por uma ótima via pavimentada.

Relato do viajante Domenico Bartolotti, década de 1920



Fonte Talavera, década de 1950.

Em outubro de 1935, foi inaugurada a Fonte Talavera de la Reina, localizada no Paço Municipal, junto ao marco zero da Cidade, numa homenagem da colônia espanhola. Autoria: Sioma Breitman.



Pórtico da entrada da Exposição Farroupilha, 1935.
Autoria desconhecida.



Vista aérea da Exposição Farroupilha, 1935.

A mobilização para a Exposição contou com o apoio da sociedade que, de 15 a 30 de setembro de 1935, organizou-se através do Instituto da Ordem dos Advogados para instaurar feriados forenses; também as férias escolares aconteceram entre 20 e 30 de setembro, fatos incomuns justificados pela importância alcançada pela Exposição.

Autoria desconhecida.



Certificado de participação como expositor.



Vista interna da Exposição Farroupilha, 1935.
O evento, que mobilizou Porto Alegre até janeiro de 1936, contou com mais de 3.000 expositores, sendo 905 o número de expositores de indústrias.
Autoria: Foto Becker.

A Exposição de 1935 foi

a mais deslumbrante de quantas no Brasil foram realizadas, inclusive, segundo opiniões de visitantes de outros Estados e do estrangeiro, superou em muito a grande exposição do Centenário da Independência do Brasil, realizada no Rio de Janeiro, em 1922.

Walter Spalding, 1967

(Pequena História de Porto Alegre).



Desfile de 7 de setembro, 1941.

Autoria desconhecida.

Doação: Condessa Gisella Bastian Pinto Ribeiro.

Em 1940, as comemorações do bicentenário da cidade envolveram a população em diversas atividades como:

provas de ciclismo, vôlei, vela, remo, futebol, basquete, corridas de cavalo e demonstrações de cultura física no Estádio Ramiro Souto; desfile da juventude na Avenida Borges de Medeiros; concerto de canto orfeônico no Auditório Araújo Vianna; baile de gala na Sociedade Leopoldina Juvenil e bailes públicos em tabladros armados em diversos pontos da capital; 'Chá Social' e 'Exposição de Objetos Antigos' no Clube do Comércio em prol da Campanha da Solidariedade; concurso de Literatura e Jornalismo; escolha da Miss Porto Alegre; queima de fogos de artifício sobre o Guaíba, em frente à primeira doca do porto; e, finalmente, a recepção do presidente Vargas no aeródromo de São João e a inauguração das Avenidas Farrapos e 10 de Novembro, abertas pela administração Loureiro da Silva.

Historiador Charles Monteiro, 2006

(Porto Alegre e suas escritas: História e memórias da cidade)



Estádio do Renner Futebol Clube – Demonstração Orfeônica, Semana da Pátria, 1948.

Autoria desconhecida.



Enchente de 1941, Praça XV de Novembro.
 Autoria: Sioma Breitman.



Enchente de 1941.
 Autoria desconhecida.

E as águas vão subindo...

No dia 7 de maio o Guaíba atingia 4,75 mts. acima do nível normal. Nos dias 8 e 9 as águas recuam um tiquinho.

A Praça da Alfândega é um mar (...). Em torno do monumento do Barão do Rio Branco está nadando um homem; fora ao Correio, mantendo, agora, a correspondência por cima da cabeça (...).

Em torno do mercado vão navegando os vapores. Trazem víveres.

Relato do viajante

Wolfgang Hoffmann-Harnisch, 1941

(...) A Voluntários da Pátria está transformada em perigosa correnteza. (...) No interior das casas comerciais pode-se ver o mobiliário a nadar. (...) Por feliz circunstância, a Avenida Farrapos ficou concluída no ano findo. (...) foi construída 25 centímetros acima do nível máximo da enchente de 1928. Agora, porém, está também inundada. Assim mesmo, presta ótimos serviços como ponte algo praticável, pois os caminhões de carroceria alta podem trafegar pela avenida, quando, de outro modo, a gente teria que esperar pelos botes morosos.

Relato do viajante

Wolfgang Hoffmann-Harnisch, 1941



Avenida Farrapos, 1941.
Autoria desconhecida.
Doação: Tereza Regina Longhi.



Enchente de 1941.
Foto publicada na Revista do Globo, n. 295, p. 3, 1941.

(...) Estão fechados os bancos; estão prorrogados os prazos judiciais; estão adiados os vencimentos de todas as obrigações financeiras. Depois das nove horas da noite não se pode sair à rua sem passe especial. Por toda parte há guardas, que protegem contra gatunos as casas abandonadas.

Não há mais força elétrica, nem telefone, nem luz, nem água. (...) Cozinhamos com álcool. À noite, acendemos velas de sebo, porque as boas de estearina não se encontram mais.

Relato do viajante

Wolfgang Hoffmann-Harnisch, 1941

(...) O último contato com o mundo são os aviões. Dos Estados Unidos vem um avião de medicamentos; outro, de São Paulo. A Varig trabalha ininterruptamente, dia e noite.

Sob a pressão das massas de água, os esgotos saltam da canalização, vindo à rua. Um fedor pestilencial se espalha pela cidade.

Não há jornais. (...) A Rádio Farrroupilha, a única a trabalhar ainda, irradia ininterruptamente advertências e apelos.

Relato do viajante

Wolfgang Hoffmann-Harnisch, 1941



Hospital de Pronto Socorro, década de 1950.
Autoria desconhecida.



Avenida Salgado Filho, década de 1940.
Autoria desconhecida.

Nos dois anos que medei entre a minha chegada e partida, modificou-se profundamente o aspecto de Porto Alegre. O quarteirão de arranha-céus, que se ergueram ao longo da Avenida Borges de Medeiros, deu ao centro da cidade uma nota nova e peculiar. E alteraram, também, a silhueta de todo o aspecto urbano.

Relato do viajante

Wolfgang Hoffmann-Harnisch, 1941



Av. Farrapos, Bairro Floresta, 1948.
Autoria: Rodrigues Feitosa.

Porto Alegre é a metrópole típica



Parque Farroupilha, década de 1960.

Em 1939, após a demolição dos antigos pavilhões que serviram à exposição de 1935, foi iniciado o ajardinamento do Parque Farroupilha, observando, em suas linhas gerais, o “Anteprojeto de Ajardinamento do Campo da Redenção”, plano elaborado pelo urbanista francês, Alfred Agache.
Autoria: Sioma Breitman.

do Brasil contemporâneo”.

Relato do viajante Wolfgang Hoffmann-Harnisch, 1941

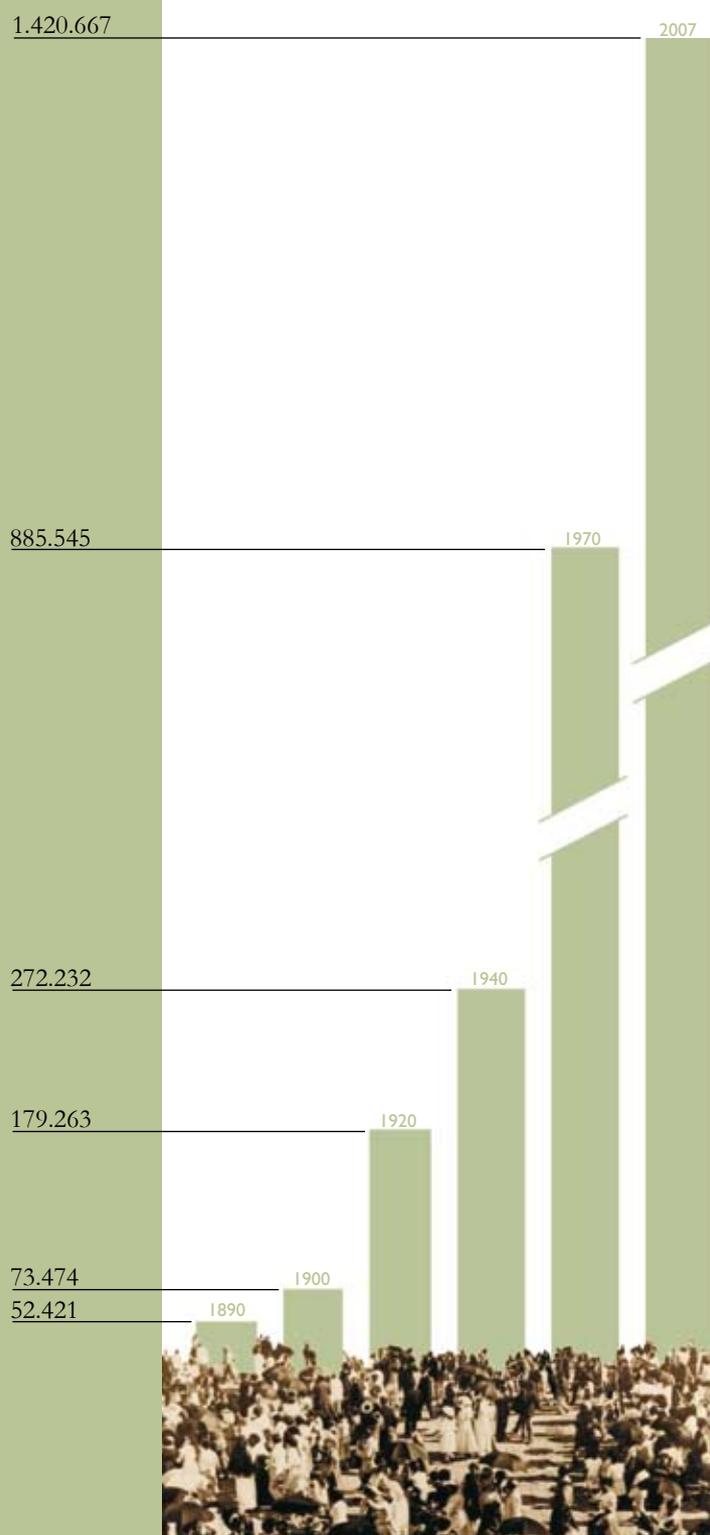


Vista aérea de Porto Alegre, 1963.
Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores.



Centro de Porto Alegre, à direita Edifício SULACAP, 1959.
Autoria: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

Porto Alegre – crescimento demográfico



Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Fundação de Economia e Estatística
Gráfico fora de escala.



O catálogo da Exposição **Transformações Urbanas – Porto Alegre de Montauray a Loureiro** traz imagens fotográficas e de objetos do acervo do Museu Joaquim Felizardo e relatos de viajantes sobre a Porto Alegre de fins do século XIX a meados do século XX, para ilustrar as mudanças pelas quais a cidade passou neste período.

Visitando a exposição podemos observar, do centro de Porto Alegre para os arrabaldes, as mudanças, de um ponto de vista porto-alegrense, a partir das experiências de quem fez a história acontecer. Folhando o catálogo, veremos o que de fora se vê, do meio do rio em direção ao centro, através do olhar de estrangeiros que visitaram nossa cidade e registraram suas impressões.

Você está convidado a mergulhar na história de Porto Alegre, afinal “Porto Alegre como uma cidade encantada do tempo em que até as cidades se encantavam, é uma festa para os olhos e uma alegria para o coração”. (Berilo Neves, início da década de 1930)

Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo
Rua João Alfredo, 582 – Bairro Cidade Baixa



Prefeitura de Porto Alegre
Secretaria Municipal da Cultura
Coordenação da Memória Cultural